

ORGANIZADOR  
**ADEMIR PASCALE**

# Tecendo Poemas



**Selo Conexão Literatura**

VOLUME X

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**  
**Projeto editorial por Ademir Pascale**  
**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos**  
**autores**  
**Obra protegida por direitos autorais**  
**Este e-book é parte integrante**  
**da Revista Conexão Literatura**  
**ISBN: 978-65-01-93188-3**  
**2026**  
**Patrocínio:**  
**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

|                                                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------|
| <a href="#">EU, O POETA!..., POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 05</a>                         |
| <a href="#">O POEMA QUE FALA, POR ANTÔNIO CARLOS MARQUES, PÁG. 07</a>               |
| <a href="#">NÃO ENTRE EM PÂNICO, POR DARLENE MELEIRO, PÁG. 10</a>                   |
| <a href="#">LEVE A TRISTEZA PARA DANÇAR, POR DARLENE MELEIRO, PÁG. 13</a>           |
| <a href="#">A PRESSA DO VAZIO, POR DARLENE MELEIRO, PÁG. 15</a>                     |
| <a href="#">BICHO DE FRONTEIRAS, POR DARLENE MELEIRO, PÁG. 17</a>                   |
| <a href="#">ESCOMBROS, POR DARLENE MELEIRO, PÁG. 19</a>                             |
| <a href="#">OS ÓCULOS, POR EDINEY LINHARES DA SILVA, PÁG. 21</a>                    |
| <a href="#">DE MENINA SILENCIADA A MULHER EMPODERADA, POR IAMARA LOPES, PÁG. 24</a> |
| <a href="#">JOGO MARCARADO, POR ILKA MEIRELES, PÁG. 27</a>                          |
| <a href="#">FUTURO INSERTO, POR JEFFERSON RICARDO LOSS DA SILVA, PÁG. 30</a>        |
| <a href="#">POEMA SEM NOME, POR LIRIS GOUVÊA DOS SANTOS, PÁG. 32</a>                |
| <a href="#">MENTIRAS IMPOSTAS, POR L. S. OLIVEIRA, PÁG. 34</a>                      |
| <a href="#">CAMINHOS DE FUXICO, POR LUCIANA PINHEIRO OLIVEIRA, PÁG. 36</a>          |
| <a href="#">CANSADA DO QUE EU MESMA CRIEI, POR MARCELA FERREIRA, PÁG. 39</a>        |
| <a href="#">Ó PÁTRIA AMADA!, POR PATRÍCIA MENDES, PÁG. 42</a>                       |
| <a href="#">AS LINHAS DO AMOR, POR ROMÃZINHA MARIA, PÁG. 45</a>                     |
| <a href="#">ENCANTO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 48</a>                                 |
| <a href="#">É A VIDA!, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 50</a>                               |
| <a href="#">CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 52</a>                          |

ORGANIZADOR  
**ADEMIR PASCALE**

# **Tecendo Poemas**



**Selo Conexão Literatura**  
VOLUME X

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## ***EU, O POETA!...***

**Por Amilton Conté**

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância em África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo.

Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre. Começou a escrever aos 18 anos, mas encontrou uma grande dificuldade para editar os seus livros, o que só foi possível quando já tinha 40 anos.

2022; As Mágoas que magoam

2023; 50 Vidas Silêncio das almas perdidas

2024; Eu o poeta

2024; Antologia (Contos e histórias daqui e do além )

2025; Amor Sublimado dum poeta Antologia

2025; Minha história para o mundo

2025; Mistérios contos e poemas vol. III

2025; Cartografia dos afetos amor é um acto político.

Homenagens

2022; Gala de Homenagem II edição No sta djunto

2025; O Prémio Literário Internacional Suisse Excellence

2025; Homenagem por mérito O Prémio Afro events Luxemburgo

Se a minha felicidade vivesse longe da esferográfica  
Conseguia eu mudar o universo num só grito de paz  
Aquele que o mundo seria capaz de ouvir e saudar em paz  
Louvando os que carregam esse dom de ser que os crucifica

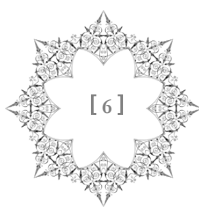
Quem sou eu para redimir dos erros do passado que vive o presente  
Mero espectador da vida, digo perdido nas avenidas e nos bulevares  
Sendo que só me basta meio ou um copo para me ligar aos prazeres  
Vividos no passado e desabafos do futuro que se conta no presente

O leitor que nos julga nos abençoa e nos faz viver  
Em poucos exemplares comprados devido às amizades  
Complexo... Agradecemos sem fim, sem esperança de viver

Eu, o Poeta... Aqueles que me evocam nos longos sonos do futuro  
Alegra-me ao perceber sem os julgar ou condenar nas verdades  
Nesse dia que juntara os santos e pecadores num só grito próspero

*Aqueles que me evocam nos longos sonos do futuro: os leitores que vão-se lembrando de mim depois da morte, depois de muitos anos no futuro.*

*Nesse dia que juntara os santos e pecadores num só grito próspero: dia 1 de novembro, Dia dos Mortos*



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# ***O POEMA QUE FALA***

**Por Antônio Carlos Marques**

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, Economista e Advogado (OAB13.339), já publicou 16 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

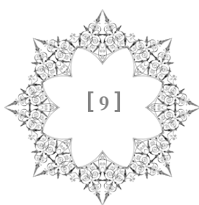
Procurei o poeta e não o encontrei.  
Procurei o poema e não o encontrei.  
Eu sou só o procurador... procuro com fogo e com ardor.  
Eu só sou o teu condutor... ou te persigo e te ligo.  
Eu já existo de “per si”, eu sou só eu e nada mais, eu sou o arvoredo e dono do pomar, o pomareiro e o escultor de frutas cristalizadas ou não...  
Sou também o teu beija-flor e o teu próprio condor, que conduz com maestria e poesia.  
Eu sou o que te chego em teu aconchego.  
Eu sou quem me escutas quando para isso nem mesmo labutas.  
Nesse silêncio de maré abaixada, eu apenas canto nas áreas das tuas calçadas.  
Sou a maré de antanho, fluxo e refluxo.  
Sou o teu próprio impulso, pois sou leveza e fortaleza.  
Sou o teu mesmo pulso que conversa e conserva.  
Eu não tenho corpo material... eu só sou pensamento puro e espiritual. . .  
Eu vago desde os nascentes e poentes.  
Escrevo por-de-Sóis e de nascimentos de arrebóis.  
Sou grito pulsante, sou camaleão borbulhante.  
Vivo desde os tempos em que me vivi e me renasci.  
Sou vestígio, sou vestimenta, sou açúcar e pimenta.  
Sou vinho convertido em flores e uvas e parreiras.  
Sou o mosto que alimenta teus melhores roseirais.  
Passeio, navego, eu me movo e me comovo.  
Procuro gaiolas vazias e cheias de tudo da solidão ou. . . não.  
Sou alpiste, sou canário, sou armário.  
Gaiola festejada para ser muito bem amada.  
Preciso de ti para nascer e me renascer em sortilégios, colégios, fantasias e magias.  
Quem sou eu, então? Eu sou este movediço poema em tua mão... eu sou criador e criatura, pintura e escultura.  
Venho sozinho e te abençoo com meu melhor vinho.  
Venho acompanhado e sou teu melhor regalado... regalos dos tempos, dos ventos e das espumas das escunas das tuas próprias internas lacunas.

Sou bordado, sou enfeitado, sou-te atirado para que me perfumes com tua deglutição,  
tua emoção, tua ferida, teus olhos abertos para o Superior Portão.

Quem sou eu, então? Eu, a primícia, eu sou as primícias, eu sou o paraíso, sou o teu Adão  
dos teus inícios, jardim perdido, frutas comidas, deglutidas para o teu esquecimento que se  
esqueceu quando me comeu.

Eu sou o Poema Navegador, passeio no Universo e nos Multiversos, eu só converso em  
versos e só me limito quando me agasalho em palavras, em ideias tuas, pigmeias ideias  
que me comprimem e me suprimem.

Eu, o teu poema.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# ***NÃO ENTRE EM PÂNICO***

Por Darlene Meleiro

Darlene é uma entusiasta das artes e que, por muito tempo, guardou suas palavras para si. Aos 66 anos, decide compartilhar sua sensibilidade, transitando com naturalidade entre a profundidade da poesia e o humor do cotidiano. Com uma linguagem simples e olhar atento, vê na escrita uma forma de expressar sua visão de mundo autêntica e engajada. Hoje, ao "poemar", reconhece-se e permanece em cada verso.

O que era para ser apenas mais uma consulta de rotina ao dentista se transformou num daqueles episódios em que a realidade parece escorregar por entre os dedos.

Tudo começou com um detalhe fora do lugar.

Ao entrar no prédio ao qual vou há anos, estava lá o mesmo porteiro de sempre — que nunca pergunta nada, que já destrava a catraca antes mesmo de dizer “bom dia”. Mas naquele dia...

Ele me olhou como se nunca me tivesse visto.

— A senhora vai aonde? — perguntou, frio, neutro.

— Na sala 84 — respondi, tentando disfarçar um leve arrepio, já que ele já sabia.

Segui adiante, desconcertada.

Foi estranho, pareceu que não fui reconhecida.

Entrei no elevador, como sempre.

A porta se fechou.

Olhei para o painel para apertar o botão.

Mas algo me parou: os andares iam só até o sétimo.

Sete.

Nada de oito. Há anos aperto o oito.

Como pode um prédio de oito andares mudar para sete?

Saí do elevador. Verifiquei se estava no prédio certo. Tudo igual — os corredores, a recepção, os móveis.

Entrei de novo no elevador. Ainda sete.

Oito?

Ausente, como se nunca estivesse escrito ali.

Fiquei parada, segurando a porta aberta, com a estranha sensação de que estava num episódio de Black Mirror, ou quem sabe em O Guia do Mochileiro das Galáxias.

Até que chegou alguém e perguntou, gentilmente:

— Você está bem?

— Claro que não, sumiu o oitavo andar!

A pessoa sorriu. Como quem já viu isso antes.

— Mudaram a numeração após descobrirem que o oitavo andar era, na verdade, o sétimo.

Mas mantiveram os números das salas. A sua continua sendo a 84.

— Ah, claro — respondi, fingindo normalidade, mas já catalogando mentalmente os sinais colapsados.

Apertei o 7.

Cheguei à sala 84. Mas, para completar o surrealismo, a dentista não estava lá.

— Ela bateu o carro. Hoje quem atende é outra doutora — disse a moça da recepção, como se tudo isso fosse perfeitamente previsível numa quinta-feira.

Surpresa, reparei que a recepcionista não era a mesma também.

Com todo o estranhamento da situação, ainda perguntei pela saúde da Dra Cris.

Sentei-me na cadeira, respirei fundo e pensei:

“A realidade me pregando peças hoje, ok.”

E embora não soubesse explicar, senti que o porteiro tinha algo a ver com aquilo tudo.

Por que ele não me avisou da mudança no painel do elevador?

Talvez ele fosse o elo entre a lógica e o absurdo.

Sorri.

Porque às vezes, quando o elevador da vida troca os andares sem avisar e até os rostos familiares se tornam estranhos, só nos resta rir — e manter a mente quieta.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# ***LEVE A TRISTEZA PARA DANÇAR***

**Por Darlene Meleiro**

Darlene é uma entusiasta das artes e que, por muito tempo, guardou suas palavras para si. Aos 66 anos, decide compartilhar sua sensibilidade, transitando com naturalidade entre a profundidade da poesia e o humor do cotidiano. Com uma linguagem simples e olhar atento, vê na escrita uma forma de expressar sua visão de mundo autêntica e engajada. Hoje, ao "poemar", reconhece-se e permanece em cada verso.

Mude essa cara.  
Faz uma make.  
Coloca cor nas maçãs do rosto.

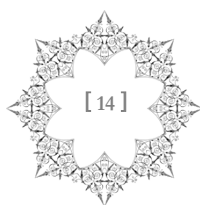
Batom nude  
Na boca

Desnude esse colo.  
Tomara que caia.  
Saia.

Meia preta de seda. Salto alto.  
Ande leve.  
Leve uma clutch.

Pronta.

Vai dançar.  
Dance, dance,  
Até bagunçar o cabelo. Até os pensamentos se enrolarem,  
Com uma dose de vodca.  
Dupla, por favor.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## ***A PRESSA DO VAZIO***

Por Darlene Meleiro

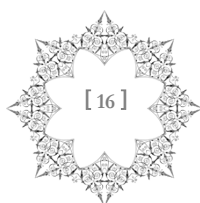
Darlene é uma entusiasta das artes e que, por muito tempo, guardou suas palavras para si. Aos 66 anos, decide compartilhar sua sensibilidade, transitando com naturalidade entre a profundidade da poesia e o humor do cotidiano. Com uma linguagem simples e olhar atento, vê na escrita uma forma de expressar sua visão de mundo autêntica e engajada. Hoje, ao "poemar", reconhece-se e permanece em cada verso.

O vazio não é fim,  
É o espaço onde a semente  
Da palavra germina.

Raízes profundas se entranham  
Na terra escura da ausência.

Então, não tema o silêncio  
Ele cultiva essa voz  
Que ainda está presa.

Pois todo poema  
É a pressa que o vazio tem  
De ser escutado.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## ***BICHO DE FRONTEIRAS***

Por Darlene Meleiro

Darlene é uma entusiasta das artes e que, por muito tempo, guardou suas palavras para si. Aos 66 anos, decide compartilhar sua sensibilidade, transitando com naturalidade entre a profundidade da poesia e o humor do cotidiano. Com uma linguagem simples e olhar atento, vê na escrita uma forma de expressar sua visão de mundo autêntica e engajada. Hoje, ao "poemar", reconhece-se e permanece em cada verso.

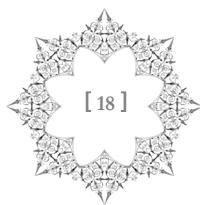
A dor da clausura  
não secou o desejo

teu corpo — bicho de fronteiras —  
aprendeu o limite  
e fez-se ilha de fogo

anseia a fundura  
o sal das ondas  
o peso de tudo  
o que calou

esse teu passo errante  
sem teto no mundo  
não teme  
nem o escuro  
nem o fim

o desassossego  
que não cabe



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# **ESCOMBROS**

Por Darlene Meleiro

Darlene é uma entusiasta das artes e que, por muito tempo, guardou suas palavras para si. Aos 66 anos, decide compartilhar sua sensibilidade, transitando com naturalidade entre a profundidade da poesia e o humor do cotidiano. Com uma linguagem simples e olhar atento, vê na escrita uma forma de expressar sua visão de mundo autêntica e engajada. Hoje, ao "poemar", reconhece-se e permanece em cada verso.

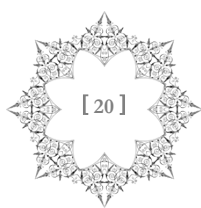
Enquanto os senhores da guerra e da maldade  
Lançam tempestades de bombas,  
Ceifam vidas e sonhos.

Na seara deserta,  
Não haverá colheitas.  
A fome se alastra como labaredas,  
Exterminando qualquer esperança que restou.

O mundo assiste,  
Como se fosse um filme de cinema mudo —  
Sem ouvir o clamor  
De um povo que só quer um quase nada deste planeta.

Poderosos e covardes políticos  
Se escondem em palácios fartos.  
O absurdo do poder e da ganância vence.

Restam andrajos de gente  
Num ecossistema colapsado.  
A vitória é um monte de escombros.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# OS ÓCULOS

Por Ediney Linhares da Silva

Escrever é a essência que me identifica, refaz e ressignifica. De certo, não seria eu mesmo sem meus pensamentos e histórias para contar, os conselhos para dividir e as reflexões para compartilhar. Essas letras e palavras também sou eu, mas as vezes sou os sinais, as reticências, geralmente. Nas caixas que costumam nos separar assumo os rótulos de assistente social, doutorando em saúde coletiva, professor universitário, mas fui filho de pais que sempre vou amar e sentir falta, sou irmão, tio, sou amigo, sou amor de pessoas que me fazem bem. E é isso o que importa.

Vejo o mundo com olhos atentos,  
guardo detalhes, promessas de caminho seguro.  
Ainda assim, o chão surpreende  
com desníveis disfarçados de trilha sem percalços.  
Ser inteiro cansa.  
Ser resiliente também.  
Entre listas, escolhas e mudanças súbitas,  
a visão falha não por falta de luz,  
mas por excesso de confiança.  
É nesse instante que penso nos óculos,  
não como milagre,  
e sim como um silencioso aviso  
de que enxergar não é o mesmo que perceber.

Aprendi que nem todo brilho orienta.  
Que há diamantes nascidos de pedras rudes  
e gestos doces lapidados para ferir.  
Que sorrisos podem esconder lâminas,  
aplausos podem ser apenas barulho,  
e o abraço, um ensaio de despedida.  
O olhar, quando cansado, aceita subterfúgios.  
E o mundo, perspicaz, oferece cenários convincentes  
para quem prefere não ajustar o foco.

Por isso, ousa refinar a vista.  
Trocar lentes dói.  
Revela manchas antigas,  
rachaduras ignoradas,  
verdades que sempre estiveram ali  
pedindo coragem.  
Os óculos não protegem do erro,  
não blindam o coração nem o passo,

só ampliam perguntas.  
E às vezes, é só isso que salva.

Com o tempo, colecionamos graus,  
visões provisórias, certezas delas, descartáveis.  
Testamos lentes como quem testa versões de si,  
até encontrar aquela que não promete conforto,  
contudo oferta segurança no atravessar.  
No fim, entendo:  
os óculos diante dos meus olhos são metáfora,  
são pausa, são escolha.  
Não falam de visão,  
falam de consciência.  
E talvez enxergar melhor  
seja apenas aprender  
a desconfiar do óbvio  
e caminhar, ainda assim.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# **DE MENINA SILENCIADA A MULHER EMPODERADA**

**Por Iamara Lopes**

Iamara Lopes Valle dos Santos é escritora, neuropsicopedagoga e mulher que transformou dores profundas em força e voz. Sobrevivente de abusos, violência emocional e silêncio turbulentos, encontrou na escrita o caminho da cura e da identidade. Sua obra aborda empoderamento feminino, superação, espiritualidade e resiliência. Iamara acredita que cada palavra é um renascer e que sua missão é inspirar outras mulheres a retomarem a própria história. Reconhecida em diversas antologias, segue ampliando sua presença no cenário literário brasileiro.

Cresci calada,  
carregando palavras que morriam antes de sair da boca.  
Meu choro era sussurro,  
meu grito era engolido,  
minhas verdades, dobradas como roupas velhas  
que ninguém mais queria usar.

Fui ensinada a não incomodar,  
a caber em espaços pequenos,  
a aceitar o peso das expectativas  
colocadas nos meus ombros de menina.  
Me disseram que silêncio era virtude ,  
mas ninguém me contou que silêncio também adoece.

Até que um dia, a menina cansou de encolher.  
Cansou de pedir permissão para existir.  
Cansou de viver num mundo onde sua voz era eco do que outros queriam ouvir.

Então ela rasgou o véu do medo,  
rompeu o nó na garganta,  
e deixou sair a mulher que sempre esteve ali,  
presa atrás de portas que não eram dela.

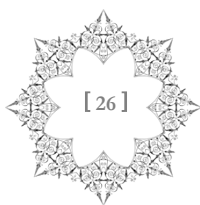
Hoje, A voz não vacila.  
Ela atravessa, alcança, reverbera.  
Falo por mim, pelas que vieram antes de mim  
e pelas que ainda não conseguiram falar.

Sou mulher empoderada não por ausência de dor,  
mas por ter sobrevivido a todos os silêncios impostos, por seres humanos que o adjetivo  
se iguala a destruidor.  
Minha força não nasceu pronta:  
foi construída nos escombros que recolhi de mim mesma.

Se antes eu me escondia, hoje eu me manifesto.  
Se antes eu pedia desculpas por existir,  
hoje eu abro caminho com a cabeça erguida.

A menina silenciada morreu,  
mas não em tragédia ,  
morreu em liberdade.

E no lugar dela nasceu a mulher  
que sabe quem é,  
que sabe o que merece,  
e que nunca mais aceitará  
menos do que sua própria voz gritando:  
eu me pertença.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# **JOGO MASCARADO**

Por Ilka Meireles

Ilka Vanessa Meireles Santos nasceu em São Luís – Maranhão. É graduada e mestra em Letras e, atualmente, cursa o doutorado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Três Lagoas. Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Maranhão – Campus Santa Inês. Encontra na poesia um espaço de expressão das percepções e da sensibilidade.

Primeiro, a humilhação.  
Depois, o nome que demora a surgir:  
relacionamento abusivo.  
Uma relação de poder  
sustentada pela dominação, hierarquia,  
tão silenciosa que, no início,  
você nem percebe.

Você deixa acontecer.  
É envolvida pela pessoa,  
pelos gestos,  
pelas falsas promessas,  
pelos acontecimentos que se disfarçam de acaso.

Com o tempo,  
o corpo acusa:  
uso,  
abuso,  
invalidação,  
manipulação.

Quando se dá conta,  
a identidade já foi atravessada,  
ocupada,  
invadida.

Para sobreviver,  
você aprende a vestir máscaras —  
para permanecer no jogo,  
para suportá-lo,  
ou para encontrar a saída.

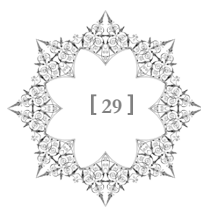
Mas no jogo de aparências  
a perda é constante:  
perde-se o tempo,  
perde-se o eu.

E quando você tenta se reconectar,  
o que retorna não é alívio,  
mas culpa,  
ansiedade.

Então você disfarça.  
Veste a máscara do sorriso,  
da autonomia encenada.

O dominador segue com a sua:  
controle,  
soberba.  
Até que a própria altivez o trai  
e a máscara cai —  
sem que ele consiga reconhecer  
a própria queda.

E assim, no jogo de aparências,  
a pergunta permanece, suspensa no ar:  
Quem ganha?  
Quem perde?



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## ***FUTURO INSERTO***

Por Jefferson Ricardo Loss da Silva

Trabalhei e trabalho a anos na área da saúde, estudei gestão publica e estudei especialização na mesma área de gestão pública, me interesse muito por projetos publicos e também por escrita, artigos e várias formas de comunicação escrita! O que me fez querer participar desta atividade!

Urgente! Esqueci de como é ser presente!

Não sei sentir falta, de quem só se fez ausente!

Tinham um caminho a trilhar. A mim? Um peso a carregar.

Esforço-me para alcançar, suporto, tento de tudo que sei, mas... o olhar! Te pesa, te mede, te diz: é pouco! É insuficiente! Insuficiente para ali estar!

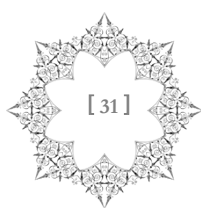
Corro, levo pedaços, compartilho, fico ao lado. Há festa! Há presente! Há trocas! Espero e nada, nem uma lembrança! Insisto! Daime um abraço! De volta dizem me: fique ali ao lado!

Fico doente! Mas não sei do quê! Não sei onde dói! Não sei que dói! Até doer demais!

Quando me percebo, estou coberto de feridas, umas por cima das outras! Não sei com quem falo! A quem recorro? Não conheço alguém a quem importa! A dor virou calo!

Tomei um banho! O suor de tanto esforço, o sangue que saiu das feridas e tudo mais, desceu pelo ralo!

Não mais tento alcançar ninguém, percorro o caminho da estrada do futuro no meu próprio ritmo, pois descobri que o futuro não se constrói, ele já existe, ele é certo! Incertas, são as pessoas, em vários sentidos!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## ***POEMA SEM NOME***

**Por Liris Gouvêa dos Santos**

Sou mãe, esposa e avó, trabalho na área de segurança no momento, no hospital do município onde moro, na função de auxiliar de segurança. Quanto a leitura, sempre fez parte da minha vida, o gosto pela leitura e escrita é muito forte em mim, por isso resolvi por o meu sonho em prática através de concursos literários.

Que forma pode ter um sonho?

Pode ter a forma redonda, costurada em gomos, pode ser colorida ou não, ser jogada para o alto ou para o chão, pode transpor Fronteiras do Brasil ao Japão, nascer da imaginação, adormecer nos sonhos e acalantar o coração. Com esses pensamentos, sentado no meio da rua, abraçado à sua bola feita de pano, o menino pobre sonha que um dia o futebol poderá levá-lo para uma realidade de longe dessa que já levou os seus amigos e seus irmãos.

Ele escolhe essa forma, redonda, costurada em gomos colorida ou não, até mesmo feita de pano, essa forma não rouba vidas, não leva ao precipício sem volta, nem a morte, nem a prisão!

Deixando os devaneios de lado ele retorna para casa, afinal amanhã cedo tem que vender doces no sinal.

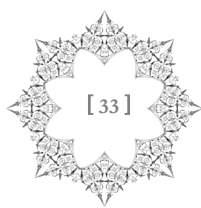
A casa humilde fica numa vila, sem luz, sem conforto, sem uma cama para descansar.

Mas lá sim tem dois braços para lhe abraçar, tem alguém que lhe diz filho: nunca deixe de sonhar.

E o menino dorme tranquilo dentro daquele abraço que mais parece uma canção de ninar.

De repente o menino acorda sobressaltado, ouve um apito, ruídos estridentes, uma multidão a sua volta. Olha ao redor um imenso gramado verde, bola no centro do campo: é hora de brilhar!

Essa é a forma do seu sonho: redonda costurada em gomos, hoje colorida, que deixa a mensagem: nunca deixe de sonhar!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# ***MENTIRAS IMPOSTAS***

Por L. S. Oliveira

Natural de Macuco, interior do Estado do Rio de Janeiro, filho mais novo de Altacir Jardim e Ana Maria de Souza, nascido em 30 de Outubro do ano de 1985. Formado professor no Ensino Normal Médio em 2004. Graduado em Direito em 2014. Pós-graduando em Direito Processual Civil. Funcionário da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos de 2006 a 2008 e do Banco do Brasil de 2008 a 2015. Servidor do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro desde 2015. Apaixonado por livros, tem como prediletos "Capitães da Areia", de Jorge Amado, e "Ensaio sobre a Lucidez", de José Saramago.

Minto para ser aceito.

E assim, minto  
não para os outros,  
mas antes para mim.

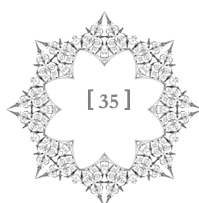
Porque acredito ser aceito,  
mas quem o é  
é a mentira da qual me cobri.  
O rosto escolhido que nunca vivi.

Muitos rostos eu tenho  
e, às vezes, nenhum deles me serve.  
Sirvo-me, então, de rostos alheios.  
Envaideço-me.

A vaidade que me consome  
sabe que nem os que eu digo ter  
de fato existem.  
Alheios ou meus, são todos inventados.

O rosto que sou  
perdeu-se no caminho.  
Mais fácil é a acomodação  
de não ser enfrentado.

E assim vivo.  
Sendo alguém que se esconde  
dentro das mentiras que ele mesmo criou.  
Vaidades, inverdades, medo e covardia.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## ***CAMINHOS DE FUXICO***

Por Luciana Pinheiro Oliveira

Luciana Pinheiro Oliveira é Administradora de Empresas com Habilitação em Marketing, Pós-graduada em Psicologia Organizacional e MBA em Gestão Pública. Nascida na cidade de Entre - Rios/BA, em 16/05/1978, onde viveu os seus primeiros 6 anos de vida e logo depois se mudou para a capital - Salvador/BA. Ela sempre foi apaixonada pela arte de escrever, em 1996, ingressou no Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia - CEFET-BA, e desenvolveu mais esta habilidade nas aulas de Língua Portuguesa, com a Profª Luciana Castro. Ela foi selecionada em 32 Antologias e 7 Publicações em Revistas Literárias. Instagram:@lunetpinheiro.

Eu ouvi dizer: “Para vencer, é preciso florescer”

Sigo irrigando o meu caminho

Alinhando o meu destino

Com os pés descalços no chão macio

As mãos ocupadas, com agulhas e linhas

Sigo tecendo o meu caminho

Feito uma menina desvencilhando-se do ninho.

Transitando pelas estradas, à procura das lembranças lançadas

Moldando o sentido da vida, sumida

Ecoando as vozes silenciosas, no frescor do vento

Com a sensação de ouvir passos, se aproximando com o tempo

Em cada passo completo um sentimento.

De repente, a visto aquele lugar, repleto de mim

Uma choupana triangular, com as telhas floridas, unidas, vestidas

Armação de talos finos, delicados, seguem colorindo os ladrilhos ao chão

Com a pura intenção de envolver-me nesta ilusão.

Sigo alinhando às minhas emoções

Tomando posse em cada passo, de um singelo desabafo

Persisto, seguindo o meu caminho.

Desemboco no chão do asfalto, traçando os passos

Sem compreender, desvio o olhar para outro compasso.

Dentro de mim, onde quer que eu vá

Avisto a imensidão

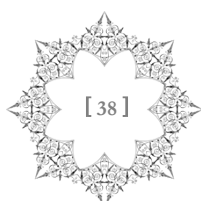
Desaguando no suave desejo de me encontrar

Saio rasgando os sentimentos

Brotando em mim, uma enorme vontade de ficar.

Sinto-me exausta, lanço os saltos no ar  
Fico descalça, em terra firme  
Sentindo o calor do asfalto, derreter as minhas lembranças.

Posicionando às minhas certezas, na direção daquela criança  
Agora sim, no alinhavo das decisões  
Consigo ligar os pontos, arrematar as arestas  
Direcionar o caminho, que me leva ao encontro do meu verdadeiro Ninho.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# ***CANSADA DO QUE EU MESMA CRIEI***

**Por Marcela Ferreira**

Marcela Ferreira é poeta e escritora brasileira. Escreve a partir do cotidiano e de experiências que transformam a leitura de seus poemas em um gesto de olhar para dentro de si. Sua linguagem é crua e direta, sem adornos. Seus poemas atravessam solidão, cansaço, identidade e afetos fragmentados, apostando no corte, no silêncio e na honestidade. A rotina vira linguagem e o íntimo, matéria literária.

Já são 4 da tarde  
e não tenho nada pra fazer.

Então decido que, por minha conta e risco,  
deixo você vir me ver.

Talvez por você me tratar bem.  
Ou talvez porque não vou mais ter o que realmente queria.

Minha busca por um ideal acabou se tornando uma vergonha.  
Vergonha pra mim,  
vergonha pro meu discurso  
de que não preciso de ninguém  
e não me importo se não gostarem de mim.

Tá na hora de acolher a minha verdadeira versão  
e entender que tenho fraquezas e limites,  
e que talvez meu ponto forte não seja  
andar por aí exalando autoconfiança  
pra chorar em casa, quando estiver sozinha,  
por não ter sido levada a sério.

Sério, já estou bem cansada.  
Cansada de buscar em outros o que só aquele tinha,  
ou melhor, o que só eu via.  
E dei vida, me forçando a acreditar  
que precisava daquilo.

Joguei fora os meus cachos.  
Eles eram a esperança em mim,  
minha possível aceitação,  
a identidade que eu não precisasse forçar,

mas, mais uma vez, eu falhei comigo mesma.  
Acho que não cola aquele papo de autoaceitação.

Sou insegura demais pra não ser mitomaníaca.  
Talvez criar um personagem que não consigo matar  
tenha me salvado esses anos.

E criar narrativas sobre meu corpo,  
fazendo eu me ver como uma pintura abandonada  
em um porão cheio de poeira,  
dando vida ao pensamento  
de que fui abençoada com a beleza  
e amaldiçoada pelo fascínio,  
me corrompa nesse mundo  
que, a cada dia, quer um pedaço de mim.

Talvez seja essa a minha forma de conseguir  
a validação de quem me vê como uma supermulher,  
fingindo ser o que eu busco desde anos  
e ainda não encontrei



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# **Ó *PÁTRIA AMADA!***

**Por Patrícia Mendes**

Patrícia Mendes é poeta brasileira, residente em Petrolina – PE. Sua escrita aborda temas sociais, identidade, valores humanos e memória coletiva, unindo lirismo e reflexão crítica em poemas que convidam à sensibilidade e à consciência.

Ó Pátria amada! Onde estás?!  
Que não se vê mais o teu brio.  
Onde andam os valentes  
que te protegiam das vergonhas que te apagam?  
Onde se abrigam os pioneiros  
que rasgavam a mata pra gerar uma população?  
Povo forte, instruído e destemido,  
que tinha admiração...  
Que levantava gerações  
com armaduras de exemplo, conselhos e perseverança.  
Ó Pátria amada, envelhecida e esquecida,  
apenas representada em um quadro histórico.  
Onde o etarismo levanta suas bandeiras,  
e os valores são desprezados e incentivados  
por mãos que já não sentem o dever de honrar.  
Hoje, vejo bandeiras em silêncio,  
corações cansados, sem direção.  
Vejo mãos que antes erguiam esperanças,  
agora presas pela desilusão.  
Teu verde ainda cobre os campos,  
mas há cinzas no olhar da nação.  
O ouro do teu solo reluz,  
mas o brilho da honra se esvai no chão.  
Ó Pátria de mil encantos,  
não deixes morrer tua canção!  
Que o vento leve tua voz aos quatro cantos  
e reacenda em nós a emoção.  
Que os filhos que ainda te amam  
ergam-se firmes, em união,  
pra que o nome do Brasil resplandeça  
com justiça, amor e compaixão.  
E quando o sol do amanhã despontar

sobre esta terra abençoada,  
que se ouça um só clamor no ar:  
"És tu, Brasil, minha Pátria amada!"



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# ***AS LINHAS DO AMOR***

Por Romãzinha Maria

Romãzinha Maria, cidadã portuguesa, desde cedo revelou gosto pela leitura e pela escrita. Escreve sobre o que a rodeia e sobre sentimentos, num mundo cada vez mais desatento ao que realmente importa.

Entre o que digo e o que guardo  
há um fio que me atravessa  
silêncio bordado à mão,  
palavra que nem ousou nascer.

Guardo essas palavras  
onde ninguém as pode ver;  
no intervalo entre um gesto e o outro,  
no silêncio onde o teu nome  
sempre acende o meu lume.

As relações cozem-se assim,  
com linhas tão finas mas fortes  
que só o coração conhece:  
fios bordados pela memória,  
nós que não se desatam,  
dobras onde a alma encosta a cabeça  
e tece os sonhos.

E no fundo de tudo,  
há sempre um rumor secreto,  
um bordado que se faz sozinho  
quando o corpo se cala  
e o sentir ocupa o lugar da voz.

Entre linhas de amor,  
vivo daquilo que não digo;  
o que apenas me toca por dentro,  
o que me faz estremecer devagar,  
o que sempre te procura  
sem nunca sair de mim.

No fundo do silêncio  
guardo o que treme em mim.  
São fios secretos,  
costurados lá por dentro,  
onde a luz quase não chega  
mas o amor ...ah  
esse sempre sabe o caminho.

E no que nunca digo  
há um murmúrio que te chama,  
como se o meu coração  
te escrevesse às escondidas.

Entre linhas de amor,  
aprendo que o que não digo  
também me escreve e preenche;  
e que, no silêncio,  
às vezes, o coração fala mais alto  
do que o som de qualquer palavra.

Guardo-te no sítio onde o silêncio arde.  
Entre nós, há fios que só a pele decifra  
bordados meticulosamente no avesso da vida,  
costuras de um segredo cujo destino  
é tão somente respirar devagar.

O que não digo, faz-me sofrer.  
O que escondi, vive no desconhecimento  
E tu, sem saber, lê-me  
no intervalo dos meus pontos e sombras.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

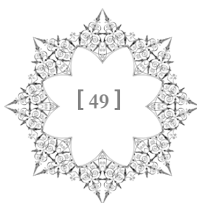
# ***ENCANTO***

**Por Sellma Luanny**

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Esse esplendor  
de quatro patas  
como um lampejo  
garboso e intrepidamente  
campinas e vales  
varre como o vento.  
Em branca espuma  
correntes de cristalinas  
águas ao espaço impele.  
E toda a beleza  
de músculos e olhos  
e radiantes crinas  
resplandece.

Tira-me o fôlego.  
Mas de desassossego  
enche-me o coração...  
De olhos contidos  
tristes e cativos  
quando subjugado,  
este primor da evolução  
a servir e sofrer.  
Pena além da escrita  
profundamente magoa.  
E eu a aparentar tanto  
e muito menos, ser.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## ***É A VIDA!***

**Por Sellma Luanny**

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

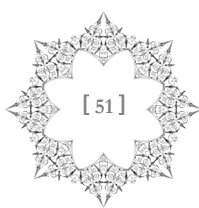
Já ouvi muito esta expressão...

Já a repeti muitas vezes  
em várias situações  
e intimamente para mim.

Parece fria mas é direta  
e muito muito real.  
E a embutida abnegação  
chega a dar calafrios.

"É a vida"!... torna-se  
um condicionamento.  
Sofrer sem pedir...  
mas de tudo aproveitar  
sem pelo fim, esperar.

"É a vida"!... quando melhor  
explicação e muito mais  
a dizer, não sai.  
É a lógica para onde lógica  
não há.



## CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA)  
SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
INSCREVA-SE: [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)  
E-MAIL: [ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**